

“VIMBUNDO ESTÁ CUCOPIANDO”: UMA ANÁLISE SOBRE A LÍNGUA FALADA NA COMUNIDADE DE CAFUNDÓ – SALTO DE PIRAPORA (SÃO PAULO/BRASIL)

Luana Letícia Dudcoschi (UEMS)

prof.luanadudcoschi@outlook.com

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)

adrianadebarros@uems.br

RESUMO

Este artigo tece reflexões sobre a língua falada numa comunidade de remanescentes de quilombolas, a Comunidade de Cafundó (Salto de Pirapora-SP, Brasil), e o processo de formação de uma expressão falada muitas vezes no cotidiano comunitário, mas especialmente em eventos e na presença de pessoas externas ao meio. Discutem-se, assim, os espaços em que o léxico presente nessa comunidade remanescente quilombola se vincula a sua origem e processo de acomodação em seu local de permanência, sob a seguinte problemática: por qual(is) forma(s) ou elementos sinalizadores a língua falada nas comunidades remanescentes quilombolas expressaria elementos de sua trajetória histórica, cultural e social? O objetivo deste artigo foi investigar a língua falada nessa comunidade remanescente quilombola do interior de São Paulo e seu processo constitutivo, a partir de uma interação crescente entre meio, processos adaptativos e cultura, um vínculo a construção de identidade e territorialidade no Brasil. A metodologia utilizada para o desenvolvimento desta análise foi a revisão bibliográfica de textos referentes a este grupo específico, da sua descoberta ao registro da língua, em uma revisão bibliográfica, desenvolvida entre publicações impressas e digitais. Foi observado que o falar dos povos quilombolas em seus territórios remanescentes refletiria, dessa maneira, em diferentes relatos e registros de luta, resistência e identidade, em que a língua falada se contrapõe a adentrações diversas e estabelece um marco entre o coletivo quilombola e os demais. Concluiu-se que, quanto mais isoladas as comunidades ou culturalmente fortalecidas, mais a língua tende a se diferenciar de forma expressiva.

Palavras-chave:

Cucópia. Linguística. Quilombolas.

ABSTRACT

This article presents reflections on the language spoken in a community of quilombola remnants, the Community of Cafundó (Salto de Pirapora-SP, Brazil), and the process of forming an expression spoken many times in community daily life, but especially in events and in the presence of people outside the environment. Thus, we discuss the spaces in which the lexicon present in this maroon remaining community is linked to its origin and accommodation process in its place of residence, under the following problem: by which form(s) or signaling elements the language spoken in the remaining maroon communities would express elements of its historical, cultural, and social trajectory? The aim of this article was to investigate the language spoken in this maroon remnant community of the interior of São Paulo and its constitutive process,

based on an increasing interaction between environment, adaptive processes, and culture, which link the construction of identity and territoriality in Brazil. The methodology used for the development of this analysis was the bibliographic review of texts referring to this specific group, from its discovery to the language record, in a bibliographic review, developed between printed and digital publications. It was observed that the talk of maroon peoples in their remaining territories would reflect, in this way, in different reports and records of struggle, resistance and identity, in which the spoken language is opposed to various addendums and establishes a milestone between the maroon collective and the others. It was concluded that the more isolated the communities or culturally strengthened, the more the language tends to differentiate in an expressive way.

Keywords:

Cucopia. Linguistics. Maroon.

1. Introdução

Os quilombos integram a historiografia da escravidão brasileira como pontos de resistência, territorialidade e identidade. Estes locais eram espaços de fuga de escravos ou de acolhida daqueles que eram abandonados quando seus donos se mudavam, por razões diversas (Cf. SANTOS; SOUZA, 2012). Assim, hora como espaço de resistência, hora como de sobrevivência, as comunidades quilombolas eram lugares em que as diferentes culturas negras e seus traços se reencontravam no contexto brasileiro e intercambiavam a sua identidade com a nova territorialidade e vivências.

É reconhecido que as formas de comunicar e estabelecer a linguagem pertence aos sujeitos e sua trajetória humana, o que envolve história, sociedade e territorialidade, além de aspectos como crença, intercâmbios gerais realizados durante a vida e sentidos grupos e individuais relacionados ao falar, agir, pensar e viver (Cf. SANTOS; SOUZA, 2013). Como é dessa forma, o léxico de uma comunidade remanescente de quilombolas, consequentemente, traz em seu exercício uma série de fatores que podem ser mais ou menos diluídos ou presentes conforme os percursos vivenciados por esses grupos, suas origens iniciais e como viveram o processo de acomodação ao cenário brasileiro.

Este artigo tece algumas reflexões a respeito da língua em comunidades remanescentes de quilombolas a partir do exemplo da Comunidade de Cafundó (Salto de Pirapora-SP, Brasil), como um instrumento narrativo de sua trajetória. Para isso, faz uso da base presente na Teoria da Sociolinguística Variacionista, de Willian Labov, cuja finalidade central é a investigação de como a língua se modifica de forma regular e sis-

temática na sociedade (LABOV, 1968; 1972; 1982; 2004), o que permite que seja uma narrativa falada de percursos vividos por um povo. Também foram utilizadas como referências algumas bases de discussão presentes na sociologia da linguagem, especialmente em Fishman (1976), para quem as mudanças da língua e como elas se relacionam com os diferentes povos e culturas a partir de seus contatos, assim como as pesquisas de Gumperz (1962; 1968; 1971) que tratam sobre como os grupos sociais se relacionam e de que maneira isso reflete de forma sociológica e geral em sua língua e expressão.

Assim, este artigo tem como objeto a língua falada nas comunidades quilombolas como expressão de sua identidade e trajetória de vida e acomodação sócio-histórica, em que se evidenciam as amplas relações presentes entre o contexto real da fala e como ela se intercomunica com a identidade e história dos falantes. Assim, discute os espaços em que o léxico presente na comunidade remanescente quilombola Cafundó, assim como nas demais brasileiras, expressa ligações à história desses grupos sociais e sua origem, do período de formação do quilombo até a territorialidade e constituição como uma comunidade dessa natureza.

Como toda pesquisa requer uma problemática de condução, este estudo foi norteado pelo questionamento: por qual(is) forma(s) a língua falada das comunidades remanescentes quilombolas expressaria elementos de sua trajetória histórica, cultural e social? Em extensão de abordagem, esta revisão bibliográfica discute as diferentes relações linguísticas presentes nestas comunidades, sob o interesse de identificação dos aspectos étnicos, culturais, históricos e sociais de seu grupo constituinte.

O objetivo deste artigo é investigar registros a respeito da língua falada em uma comunidade quilombola, como elemento de evidência e aprofundamento histórico, cultural e social, que narra e registra os percursos vivenciados por estes grupos em seu processo de construção de territorialidade e identidade no país, na forma de variações linguísticas e suas estruturas – a partir do exemplo da Comunidade de Cafundó.

Trata-se de uma revisão bibliográfica, desenvolvida entre publicações impressas e digitais, coletadas de meios tradicionais impressos como bibliotecas e acervos pessoais, e complementadas por extrações oriundas de fontes como Periódicos Capes, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e *Google Acadêmico*. As publicações não foram selecionadas por corte temporal, mas por representatividade ao tema e abordagem, dentro da possibilidade de seleção ampla à autoria, comum das

revisões desta natureza, de forma descritiva e narrativa. Assim, os estudos encontram-se apresentados, hora de maneira direta, hora indireta, no repertório teórico sequente – também discutido de maneira corrente em seu desenvolvimento, a fim de realizar o objetivo da pesquisa proposta.

2. *Uma análise sobre a língua falada na comunidade de cafundó – salto de pirapora (são paulo/ brasil)*

Para adentrar a discussão proposta neste estudo, é necessário introduzir alguns conceitos e relações pautados na dinâmica sujeito-língua e que se inserem no campo sociolinguístico. A sociolinguística compreende a língua como uma via de expressão viva, mutável, que se intercambia conforme os falantes interagem no tempo, com outros sujeitos e em seus espaços, tendo por característica comum destes movimentos a funcionalidade. Desta forma, Labov (1982) especifica que a observação de uma língua falada, em um curso de tempo ou em comparação entre grupos, permite identificar o quanto ela mudou no contexto ou tempo analisado, preservando a sua funcionalidade. Tão mais diversificada uma cultura, maior o número de variações da sua comunidade de fala, assim, as variações linguísticas podem ser tanto adaptações quanto atualizações da língua, a partir do curso histórico dos falantes que pode gerar ou não tal movimento que, por sua vez, é imprevisível em sua estrutura e diversificação. A análise da estrutura, dos arranjos léxicos e dos componentes históricos e sociais dos falantes de uma variação linguística evidencia os mecanismos que interagem para a sua formação.

Nesse sentido, desta vez em Labov (1972, p. 306-7), consta a afirmativa de que “ninguém negaria a importância de conquistas, invasões e imigração em massa, com a consequente extinção, superposição ou fusão de línguas inteiras. (...) Mas o problema parece ser histórico e político, apropriado para o foco (...) de uma sociolinguística interdisciplinar”. Sendo dessa forma, uma variação linguística seria uma incorporação real e palpável dos indivíduos de formas distintas de falar que incorporam aspectos de seu percurso cultural, social e histórico. Este processo pode ocorrer sob diferentes impulsos ou motivações, e tem sido observado de forma mais notável nas mudanças sociais drásticas que impactam a forma dos sujeitos comunicarem e interagir entre si a partir da língua.

Esta é a premissa inicial presente na sociolinguística, cuja abrangência mais tarde foi ampliada: identificar as relações entre vida e sociedade que interferem na língua em sua expressão, como uma extensão so-

cial. Bright (1974 *apud* ALKMIM, 2001, p. 28) definiu esta condição na forma de uma “(...) covariação sistemática das variações linguística e social, ou seja, (...) [uma correlação entre as] variações linguísticas observáveis em uma comunidade às variações existentes na estrutura social desta mesma sociedade”. E é neste contexto em que esta compreensão sociolinguística se enquadra no entendimento e análise da língua das comunidades remanescentes quilombolas brasileiras como expressão de sua história e cultura.

A formação destas variações viria de um processo complexo e amplo, em que os sujeitos mobilizadores dessas mudanças, quer sejam eles receptores ou ouvintes, agiriam sob o impulso de suas identidades sociais e do uso da língua em seu contexto de vida e experiência. Estas alterações viriam de uma espécie “(...) julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre os outros, isto é, as atitudes linguísticas” (ALKMIM, 2001, p. 29).

Sendo dessa maneira, as variações linguísticas são fenômenos usuais que se centram em um grupo. A sua compreensão perpassa ao conceito descrito por Gumperz (1962) sob a forma do termo “comunidade linguística”. Essa comunidade tanto pode adotar um padrão de uso de apenas uma língua ou ser muito mais variado (multilíngues), de modo a formar um código linguístico estruturalmente definido. É a interação, o uso vivo deste código, que mantém a comunidade linguística ativa e reconhecida em suas particularidades.

Gumperz (1968) também descreveu a comunidade de fala, na qual as diferentes redes formadas por aspectos sociais, históricos, culturais e de natureza plural geram padrões de uso e também de compreensão da língua que são próprios ou distintos. De acordo com a natureza das expressões da língua e de seu uso, é possível definir a qual destes conceitos ela melhor se enquadra.

No contexto destas variações pode ser identificado o rico repertório e realidade em que se apresentam os contemporâneos remanescentes quilombolas, comunidades negras formadas no contexto escravagista brasileiro. O país aboliu a escravidão ainda no ano de 1888, no entanto, isso ocorreu após uma trajetória de 316 anos de escravidão, em que africanos de diversas partes do continente foram trazidos para a exploração de seu trabalho, em um processo iniciado em 1554. As fugas integram a memória da escravidão brasileira, com as comunidades formadas em terras ermas, ou então doadas para essa finalidade, ou

mesmo conglomerados de pessoas negras que se reuniram após a libertação, para formar grupos produtivos baseados na agricultura. O escravismo, dessa forma, somente foi mantido a partir de uma “(...) vigilância ferrenha e uma violência de punição preventiva, estruturadas nas relações produtivas diante dos quadros de protestos e resistências por parte dos escravos” (FURTADO; PEDROZA; ALVES, 2014, p. 108).

Camilo e Motta (2018) observam que o Quilombo ou Mocambo é uma instituição de forte teor histórico, formada por membros que são denominados calhambolas, mocambeiros ou quilombolas, conforme a região. Existiria, neste espaço, o teor da resistência e da busca pela liberdade e, na maioria das vezes, o quilombo é representado por um espaço estrategicamente escolhido que, embora em maioria fosse um espaço de indivíduos pretos, também eventualmente serviam ao agrupamento de indígenas, europeus rebeldes e outros que não encontravam enquadramento no ambiente escravista. Na língua falada em uma comunidade remanescente é possível filtrar aspectos presentes de sua condição geral, pois

Para discutirmos o sentido da palavra, é necessário mobilizarmos um aparato teórico/metodológico que nos ofereça condições de compreender o funcionamento da língua na sua relação com a história, a memória discursiva e a exterioridade. [...] Os sentidos não existem em si mesmos, deslizam, são incompletos, daí que a linguagem é estrutura, mas também é acontecimento. Ou seja, pelo discurso é possível observar os sentidos em curso, a linguagem em funcionamento [...] (CAMILO; MOTTA, 2018, p. 47)

Em busca de representantes à compreensão destes arranjos léxicos e da possibilidade de sua replicação em comunidades remanescentes quilombolas diversas está a Comunidade do Cafundó, alvo das observações de Vogt e Fry (2005). A comunidade foi iniciada no século XIX e Salto de Pirapora, local de estabelecimento de Cafundó, é uma região relativamente próxima à cidade de Sorocaba-SP, mas a forma de vida mais isolada da comunidade fomentou a cucópia (Cf. AVELAR, 2016, *on-line*).

A comunidade Cafundó, como é chamado o local, representa um marco das pesquisas linguísticas sobre a língua africana na América Latina. Cafundó atraiu a atenção na década de 1970, quando foi alegado que o local preservaria a língua falada africana. Contudo, após investigação, foi identificado que a língua peculiar falada na comunidade era a cucópia, com matriz gramatical na língua portuguesa, contudo constituída a partir de aspectos da formação e trajetória daquele grupo, constituídos a

partir do século XIX.

Embora a existência de Cafundó seja bastante anterior, a visibilidade de suas particularidades começou a ser construída a partir da 1978, quando os primeiros jornalistas chegaram ao local, motivados por conhecer um local em que as narrativas de pessoas próximas diziam existir aspectos muito interessantes, como uma língua distinta, e um grupamento humano que vivia relativamente isolado. O jornal *Cruzeiro do Sul* foi o pioneiro em divulgar notícias de Cafundó, sendo um veículo distribuído na cidade de Sorocaba e, mais tarde, também atraído pelos elementos interessantes do local, ainda em 1978, o jornal *O Estado de São Paulo* publicou as primeiras notícias sobre a localidade. Inicialmente, a primeira impressão do local é de um bairro rural, com população principalmente negra, em que duas parentelas se destacam como as principais presentes: os Pires Pedroso e os Almeida Caetano. Não é um grupo muito numeroso: pouco mais de 80 pessoas vivem no local e, ao todo, detém a posse de 7,75 alqueires de terra que, igualmente, representam a extensão real de Cafundó. Essas terras teriam sido doadas aos fundadores, que eram escravos e ascendentes da população que contemporaneamente vive ali, especificamente no ano de 1888, antes ainda da Abolição e destinadas a duas irmãs, Ifigênia e Antônia, as duas bases das parentelas prevalentes. O território de Cafundó originalmente era bem mais extenso, mas terminou sendo aos poucos ilegalmente apropriado por terceiros, até que a documentação legal da pequena parte vigente estabeleceu mais formalmente a região. Vivem do plantio de milho, feijão e mandioca, e também da criação de animais para a alimentação, como porcos e galinhas, sempre em pequena escala. Fora de Cafundó, os negros costumam trabalhar no serviço doméstico, se mulheres, ou nas lavouras, se homens. Falam a língua portuguesa, mas o fazem a partir de um dialeto muito próprio, que muitas vezes é confundido com o “caipira”, mas que na verdade apresentam um léxico baseado no Banto, no Quimbundo e nas acomodações historicamente constituídas à língua pela comunidade no decorrer de sua história. É uma língua africana (Cf. VOGT, 2013).

A fala real da Comunidade de Cafundó foi descrita em um estudo formal na década de 1980, por Vogt e Fry (2005, p. 39), como formada por expressões a exemplo de “*Nhamanhara cuendou no ngombe do andarú / o homem foi de carro; Curimei vavuro / trabalhei muito; o médico é o que cuçumba o maiembe/ o médico é aquele que receita o remédio*”, e outras. Essa fala real comunitária evidencia a assimilação estrutural da língua portuguesa, que divide espaço na construção

das frases para acolher a língua africana.

Tal língua falada cotidiana, com estrutura e apresentação próprias, é constituída a partir de processos de linguagem que são revestidos de aspectos culturais, intensos em conteúdos de historicidade vividos pelo sujeito e que não somente comunicam, mas também posicionam em palavras aspectos da origem e pertencimento étnico quilombola. O processo de formação desses arranjos é complexo, preserva a ancestralidade africana e decorre de relações que se estabelecem entre línguas e falantes que atribui sentidos políticos e sociais a tudo o que é enunciado (Cf. GUMPERZ, 1982; HYMES, 1974).

Para Vogt e Fry (2005), ainda que fluente e funcional no interior do grupo, a língua adotada em uma comunidade quilombola pode ser abandonada de forma total ou parcial fora dela, ou caso ela viva fortes interações com o meio que promova sua dissolução. Mas o aprendizado interno ao grupo se dá de forma natural, muitas vezes não intencional, e que se replica como um contínuo desta língua, uma variação linguística e não apenas uma forma de falar, ou um regionalismo, por exemplo:

Do ponto de vista estritamente lexical, observa-se de fato uma constante expansão do vocabulário através do uso de expressões formadas por processos metafóricos e análogos. Essa expansão se dá em geral através do uso de palavras do léxico africano, que concorrem para a formação de novas expressões cuja estrutura gramatical é, grosso modo, a de nome + preposição + nome. Para expressar um novo significado, parte-se de um nome e particulariza-se, através do genitivo português, gramaticalmente falando, um novo significado. (VOGT; FRY, 2005, p. 40)

A esse respeito, Vogt e Fry (2005) complementam ainda que os arranjos léxicos possíveis em uma comunidade desta natureza são diversificados, e geralmente se abrem estruturalmente à língua dominante, mas trazem os traços, significados e composições internas acomodadas de sua língua mãe de base. Estes matizes envolvem, em geral, termos da língua original da comunidade, incluídos de forma a remeter afetiva e estruturalmente ao que significavam em sua base.

A partir das diferentes investigações realizadas com a finalidade de definir a natureza da língua falada na Comunidade do Cafundó, uma das hipóteses mais aceitas é que se trate de uma expressão constituída em proximidade ao léxico de Angola que, diretamente, as combinações de palavras não necessariamente possuem sentido, mas remetem diretamente à origem africana. Não se pode deixar de mencionar que, em uma interpretação bem menos glamourosa daquele falar, também já

foram levantadas hipóteses referentes a uma espécie de tentativa dos falantes locais driblarem a compreensão e interesse de outros não usuários da língua, sendo assim, uma visão que tem por consequência a carência de autenticidade etimológica. Esta hipótese, no entanto, não tem sido rigorosamente sustentada, dada a percepção recorrente de que existiria naquele falar uma base *umbundo*, e que o comportamento e mesmo as subjetividades que cercam o falar daquela comunidade diretamente remetem ao seu “ser africano”. O comportamento das crianças, na vida coletiva, compreendendo as formas de brincar e a socialização daqueles indivíduos em muito remetem ao modo de vida angolano, como os brinquedos de cabaça, tão populares em Angola. Além disso, o léxico daquela comunidade é uma forma de marcar traços culturais individuais e mostrar a sua integração nacional, existindo de forma introjetada na cultura local – ao mesmo tempo que reforça a sua forma de ser como natural de sua origem real, a África. A língua local falada seria uma espécie de expressão da genealogia daquele povo, e os africanismos seriam traços de maternidade linguística e também identitária (Cf. VOGT, 2013).

Dessa forma, Cafundó é um caso expressivo de variações linguística e a sua língua real atrai o questionamento sobre como as mesclas presentes nela podem se manifestar em outros remanescentes quilombolas brasileiros. Essas variações, independentemente de sua natureza, se mostram espaço de prática como língua viva e funcional aos usuários, com um léxico particular que metaforiza e faz analogias com o léxico africano, gerando termos novos, que não pertencem mais totalmente a língua de origem nem mais a língua adaptada.

2.1. Cucopiando

O Quadro 1 mostra diferentes expressões extraídas diretamente pelos pesquisadores Vogt e Fry (2005), em sua pesquisa “As formas de expressão na língua africana do Cafundó”.

Quadro 1: termos identificados no léxico do cafundó (Salto de Pirapora-SP, Brasil).

<i>Anguto nâni de nhamanhara</i> (mulher sem homem – solteira)
<i>Angutu está cuendando mafingue</i> (a mulher está vertendo sangue – menstruada)
<i>Cambererá do vava</i> (carne da água – peixe)
<i>Chamar no quinamba</i> (chamar na perna – levantar e ir embora)
<i>Coçumbador do cupópia</i> (fazedor de fala – língua)
<i>Cuendar o godema no arambuá do camanaco</i> (andar o braço no traseiro do menino)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

<i>Cumbe nâni do téqui</i> (sol pequeno da noite)
<i>Cumbe vavuro do téqui</i> (seria ‘sol grande da noite’, isto é, ‘lua cheia’).
<i>Curimeĩ vavuro</i> (trabalhei muito)
<i>Ele foi cuendar orofim lá no sengue</i> (ele foi buscar lenha lá no mato)
<i>Eu fui cuendar</i> (eu fui ir – eu fui)
<i>Hoje eu vou cuçambar o mambi no orofim</i> (hoje eu vou passar o machado no mato - cortar lenha)
<i>Injequê do andaru</i> (saco de fogo – panela)
<i>Injequê do variar</i> (saco de comida – panela)
<i>Injequê do vava</i> (saco de água – nuvem)
<i>Injô da marrupa</i> (casa do sono – quarto)
<i>Mutombo do injequê</i> (mandioca do saco – amendoim)
<i>Nanga do visó</i> (roupa dos olhos – óculos)
<i>Nâni de coçambar no quinamba</i> (usar pouco a perna – perto)
<i>Ngombe do andaru</i> (boi de fogo – carro)
<i>Nhamanhara cuendou no ngombe do andaru</i> (o homem foi de carro)
<i>Nhamanhara nâni de anguto</i> (homem sem mulher – solteiro)
<i>Nhamenhara curima nâni</i> (o homem que trabalha pouco)
<i>No quilombo que já cuendou</i> (ontem)
<i>No quilombo que vai cuendar</i> (amanhã)
<i>No quilombo que vai cuendar</i> (no dia que vai vir – amanhã)
<i>O cafombe cuendou da ambara para cunuar avero com nhapecava</i> (o homem branco veio da cidade para beber café com leite)
<i>O cumbe já estava cuendando</i> (o sol já estava indo – se pondo)
<i>O delegado fica bravo e cuenda ele pro chitungo</i> (o delegado fica bravo e o leva para a cadeia)
<i>O médico é o que cuçumba o maiembe</i> (o médico é aquele que receita o remédio)
<i>O nhamanhara cuendou para cuçambar a cupópia</i> (o homem andou para ouvir a conversa)
<i>O que cuenda o chipoquê</i> (o que anda o feijão – o que engole o feijão)
<i>O que cuenda vavuro no visó</i> (o que anda muito nos olhos)
<i>Obiquanga do avero</i> (tijolo de leite – queijo)
<i>Obiquanga do pepa</i> (tijolo de farinha - pão)
<i>Obiquanga do ture</i> (tijolo de terra – tijolo)
<i>Obiquanga do vava</i> (tijolo de água - sabonete)
<i>Palulé vavuro</i> ou <i>palulé nâni</i> (sapato bom ou sapato ruim)
<i>Pepa da cuiipa</i> (pó de matar – veneno em pó)
<i>Respeito do ngombe</i> (respeito do boi – arame farpado)
<i>Sanje do téqui</i> (frango da noite – morcego)
<i>Tata nâni no orongombi</i> (homem fraco no dinheiro – pobre)
<i>Tata vavuro no godema</i> (homem forte no braço)
<i>Tata vavuro no orongombi</i> (homem forte no dinheiro – rico)
<i>Tenhora da mucanda</i> (enxada da escrita – caneta)
<i>Vava do cuiipa</i> (água de matar – veneno líquido)
<i>Vimbundo está cupopiando na marrupa</i> (o homem preto está falando no sono - está sonhando)
<i>Vimbundo está cupopiando no injô do tata</i> (o homem preto está falando na casa do pai)

Fonte: Vogt e Fry (2005, p. 39-41).

Vogt (2013) permite também compreender que existiria nessas acomodações em sentido igualmente político de resistência cultural, em que culturas imutáveis pelo tempo e pela distância se confrontam e aceitam seus traços pela língua. Dessa forma, todo o africanismo deste léxico seria uma forma de se fazer expressar da cultura africana desses sujeitos, trazendo em si toda a sua trajetória de construção, nem sempre pacífica. Existe o banto claramente presente na língua daquela comunidade, mas ele vai além de um puro e simples banto qualquer, é o banto resultante e restante de toda a trajetória vivida por aquele grupo social, que também apresenta elementos de significado e de sentido muito fortes, associados também a essa trajetória. E igualmente acomodado no sentido do ser e do falar a língua portuguesa brasileira.

A partir do caso de Cafundó é possível discernir que as incorporações léxicas presentes nas comunidades quilombolas teriam uma ligação direta ao conceito de viabilidade, ou seja, é necessário que as expressões apresentadas façam sentido aos falantes nos aspectos sensorial e cognitivo, como descrito por Hymes (1974). Por exemplo, quando um falante de Cafundó associa os termos *curimei vavuro* a trabalhar muito e isto lhe faz sentido, pode utilizar *curimei vavuro* como parte de sua expressão diária a este termo, e o mesmo termo pode ser assimilado como válido e compreensível a outros de sua comunidade que, a mesmo exemplo de si, possuem o repertório de conhecimento dessa associação. Ao mesmo tempo, para fora da comunidade isso não é geralmente possível, exceto em casos muito raros, pois para a maioria dos falantes exteriores não há um referencial plausível de apoio para identificar sentido quando estes dois termos são mencionados (*curimei vavuro*).

A falta de viabilidade exterior não impede uma variação linguística de se constituir, mas a carência interior sim. Dessa forma, quanto mais elementos tradicionais e essenciais estiveram vivos em uma comunidade remanescente quilombola acerca de suas origens e de sua identidade, na perspectiva de Hymes (1974), maior tenderão as ser os intercâmbios possíveis e validações internas. Se uma comunidade se dilui identitariamente em seu interior, no entanto, cada vez menos falantes internos comungarão dos sentidos próprios e, dessa forma, as variações e suas possibilidades tendem a ser deixadas no tempo e, se não registradas ou analisadas, perdidas em seu reconhecimento.

O falar quilombola, ainda que se trate de uma condição histórica vivenciada de forma comum, é territorialmente distinto. A fala de comunidades remanescentes depende, em sua estrutura, da origem dos funda-

dores, de sua natureza de formação e de quanto e como se integram ao meio envolvente. Assim, a territorialidade é um aspecto vivo na narrativa léxica quilombola isto permite evocar aspectos do termo denominado por ecolinguística (COUTO, 2009).

A partir dessa condição, Couto (2009) evidencia que o entendimento de ecossistema linguístico envolve uma prática na qual os indivíduos interagem com seus repertórios e se comunicam com o meio que pode ter, ou não, estes mesmos elementos. Ao identificar elementos estranhos, buscam identificar a sua origem e a territorialidade se dá como uma de suas principais bases, permitindo que sejam identificados elementos como a matriz das expressões e necessidades, bem como elementos gerais que se ligam a aquela forma ou estrutura de comunicar.

A identidade territorial na língua falada nas comunidades remanescentes de quilombolas advém dessa junção de território, língua e população. Assim, a territorialidade é constituída a partir da identidade que é formada com o espaço de origem em diálogo ao espaço de destino. Tal relação tem uma forte influência direta à identidade social, como observado por Haesbaert (2007). Ainda o autor observa que todas essas relações se fortalecem não somente na língua, mas se sustentam também as práticas que se referem à preservação e fortalecimento com a identidade, revivendo e memorando espaços por meio de tradições, festas e outros elementos potencialmente valentes a esta finalidade, que sustentam e reforçam o sentido de território.

Assim, a língua celebra e reúne os fatores de reconhecimento que envolvem os grupos e, portanto, pode variar de acordo com a sua origem. Embora os escravos fundadores em sua maioria fossem fugitivos, variam grupo de outros escravos abandonados, mesclados ou não aos demais, e também as origens étnicas africanas são diferenciadas – o que gera uma grande diversidade possível de intercâmbios, culturas e práticas linguísticas focalizadas nos remanescentes quilombolas.

3. Considerações finais

Este artigo foi desenvolvido para discutir a forma ou formas pela qual ou quais a língua falada das comunidades remanescentes quilombolas expressariam elementos de sua trajetória histórica, cultural e social a partir da língua falada da Comunidade do Cafundó. Nesse sentido, a revisão empreendida evidenciou que a língua representa as dife-

rentes tensões e demandas vivenciadas por estes povos em seu percurso de constituição identitária no ambiente brasileiro. Inseridos em um meio hostil pela escravidão, com grupos formados por interesses variados que iam desde a sobrevivência à resistência, as diferentes comunidades remanescentes de quilombos comungam do ponto comum da escravidão e suas sequelas, mas se diferenciam de forma potente por elementos como origem, práticas, finalidades e identidade.

Algumas comunidades se dissolveram de sua pertença étnica de forma mais ampla, outras mais fechadas. O seu léxico reflete a intensidade deste processo a partir do quanto existe de diferenciado em seu falar frente às tensões dominantes e relações com o meio envolvente. A força da permanência, identidade e territorialidade habita grande parte das escolhas e práticas vigentes no falar vivo dessas comunidades, sendo alimentada por eventos e práticas de natureza diversa, como festas e tradições que, por seu turno, atribuem e repassam/reforçam sentidos e identidades.

O falar dos povos quilombolas em seus territórios remanescentes refletiria, dessa maneira, em diferentes relatos e registros de luta, resistência e identidade, em que a língua falada se contrapõe a adentradas diversas e estabelece um marco entre o coletivo quilombola e os demais.

Os diferentes grupos dessa ordem formam diferentes maneiras de se expressar e interagir que se distinguem entre si de forma bastante perceptível, mas cuja intensidade de variações linguísticas é ligada a permanência cultural e seu fortalecimento em suas origens, bem como ao quanto, internamente, a língua de forma específica se valida e faz perceber. Quanto mais isoladas as comunidades ou culturalmente fortalecidas, mais a língua tende a se diferenciar de forma expressiva

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVELAR, J. O. *Cafundó: língua e memória quilombolas*. 2016. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/linguistica/2016/12/29/cafundo-lingua-e-memoria-quilombolas/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

CAMILO, J. J. da S.; MOTTA, A. L. A. R. Quilombo e quilombola: dos verbetes aos deslocamentos de sentidos. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, n. 41, p. 45-70, 2018. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao41/edicao41.pdf#page=45>. Acesso em: 20 jan. 2021.

COUTO, H. H. do. Ecolinguística. *Ensaio: Cadernos de Linguística e Sociedade*, v. 10, n. 1, p. 125-52, 2009.

FISHMAN, J. The sociology of language: a interdisciplinary social science approach to language in society. In: FISHMAN, J. (Org). *Advances in sociology of language: basic concepts, theories, and problems – alternative approaches*. 2. ed., Mouton, Paris: The Hague, 1976. p. 217-404

FURTADO, M. B.; PEDROZA, R. L. S.; ALVES, C. B. Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. *Psicologia & Sociedade*, v. 26, n. 1, p. 106-15, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/12.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

GUMPERZ, J. J. Types of linguistic communities. In: FISHMAN, J. *Reading in the sociology of language*. Mouton, Paris: The Hague, 1962. p. 460

_____. Types of linguistic communities. *Anthropological Linguistics*, v. 4, n. 1, p. 28-40, Oxford, 1968.

_____. *Language in social groups*. Stanford: Stanford University Press, 1971.

_____. *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HAESBAERT, R. Fim dos territórios ou novas territorialidades? In: LOPES, L.; BASTOS, L. *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

HYMES, D. *Foundations in Sociolinguistic: an ethnographic approach*. London: Tavistock Publications, 1974.

LABOV, W. Building on empirical foundations. *Perspectives on historical linguistics*, v. 24, p. 17-83, 1982.

_____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *The social stratification of English in New York City*. Washington: Center for Applied Linguistic, 1968.

_____. *Round table on language and linguistics*. Washington, DC: Georgetown University Press, 2004.

SANTOS, G. A. dos; SOUSA, A. P. Memória, identidade e linguagem: a

comunidade quilombola do Quenta-Sol (Tremendal-BA). *Folio Revista de Letras*, v. 5, n. 1, p. 351-77, 2013.

VOGT, C. A descoberta do Cafundó. In: VOGT, C.; FRY, P.; SLENES, *Rev. Cafundó: a África no Brasil – Língua e Sociedade*, p. 23-47, Campinas-SP: Unicamp, 2013.

_____; FRY, P. As formas de expressão na “língua” africana do Cafundó. *Ciência e Cultura*, v. 57, n. 2, p. 39-42, 2005. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200019. Acesso em: 21 jan. 2021.